

AS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO *ON-LINE* NO ENSINO SUPERIOR: O PROFESSOR *ON-LINE*

Prof. Dr. Sidney Proetti⁶⁴

84

RESUMO

Neste texto, serão abordados assuntos que vão contribuir para entender as práticas da comunicação *on-line* e como elas podem ser utilizadas para a interatividade entre professores e alunos do ensino superior. Ao longo do desenvolvimento, serão comentadas algumas tecnologias digitais/virtuais que contribuirão para a formação do raciocínio global necessário. Temas - como a formação aberta no espaço virtual, a desterritorialização no espaço virtual e a (nova) ação docente mediada por tecnologia digital a distância, bem como o professor *on-line* - permitirão a reflexão necessária para entender como as tecnologias de informação estão influenciando o trabalho docente e discente.

Palavras-chave: Comunicação *on-line*; ciberespaço; formação virtual.

ABSTRACT

In this text will be addressed subjects that will contribute to understand the practices of online communication and how they can be used for interactivity between teachers and students of higher education. Throughout the development, some digital/virtual technologies will be commented that will contribute to the formation of the necessary global reasoning. Topics such as open training in virtual space, deterritorialization in virtual space and (new) teacher action mediated by digital distance technology: online teacher, will allow the necessary reflection to understand how information technologies are influencing the teaching work and student.

Keywords: Online communication; cyberspace; virtual training.

INTRODUÇÃO

A comunicação *on-line* é a grande inovação e, certamente, uma importante e atual etapa da grande Revolução Industrial, que teve origem na Inglaterra. Neste texto, a problematização central se dará pelas tecnologias de informação que proporcionam uma grande transformação na vida das pessoas. Esse tipo de comunicação permitiu, e permitirá, excepcionais avanços no que se refere aos campos da pesquisa, dos estudos e do trabalho. Com uma pesquisa bibliográfica, pretende-se neste texto apresentar, após análises dos textos originais dos autores consultados, refletir sobre a influência da comunicação *on-line*, de maneira informal, nas atividades acadêmicas dos professores e seus alunos. Este texto tem origem na

⁶⁴ Sidney Proetti é Mestre em Administração, Mestre em Comunicação Social, Doutor em Comunicação Social. Autor de nove livros em áreas científicas. Professor e coordenador do curso de MBA em Gestão Estratégica de Negócios do UNIFAI e coordenador e professor do Curso Superior em Ciências Contábeis do UNIFAI.

tese de doutorado deste autor. Como metodologia, trata-se de um levantamento bibliográfico que, segundo Proetti (2006:94): “Nesta pesquisa, faz-se uso dos materiais já publicados, escritos ou gravados mecânica ou eletronicamente, que contenham informações de diversas áreas.” Este estudo é de fundamental importância, pois apresenta a formação continuada proporcionada pela comunicação *on-line* entre os professores e alunos no ensino superior. Dessa forma, discute-se o ambiente virtual como sala de aula e o surgimento dos novos hábitos dos estudantes pelo uso da informática e da comunicação virtual criando, inclusive, hábitos noturnos e interatividade extrassala de aula presencial.

1. A FORMAÇÃO ABERTA NO ESPAÇO VIRTUAL

Antes de contextualizar a formação aberta no espaço virtual, é interessante tecer comentários sobre algumas perspectivas sob o ponto de vista do ensino pelo desenvolvimento da informática.

Em 1997, Michael Dertouzos apresentou comentários de forma reflexiva em seu livro intitulado “*O que será: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas*”. O autor aprofundou-se em algumas experiências e perspectivas questionando como as mudanças da informática poderiam melhorar de fato o ensino. O autor se refere à tecnologia da informação como uma forma de aperfeiçoar o ensino e esse meio tem se constituído, na atualidade, como um meio de comunicação eficaz, pois permite a troca de mensagens textuais, imagens animadas como, por exemplo, filmes, fotos e ilustrações coloridas para um ou mais receptores. Dessa forma, pode-se afirmar que o uso da comunicação *on-line* facilita a vida dos professores e dos alunos, pois agiliza a comunicação e torna-a imediata. Segundo Dertouzos, a tecnologia da informática ajudou a aperfeiçoar o ensino:

Desde que os computadores começaram a ser usados universalmente, na década de 60, os pesquisadores tentam aproveitar a tecnologia informática para aperfeiçoar o ensino. Há hoje numerosos experimentos em curso, na Internet. Num dos projetos, estudantes de nível médio do mundo inteiro estão reunindo dados sobre o meio ambiente, nos locais onde moram. As informações seguem para um banco de dados comunitário, criando um arquivo ecológico compartilhado por todos os envolvidos. Além de aprender mais a respeito do mundo que os cerca, os estudantes estão aprendendo a se comunicar e cooperar com jovens de culturas diferentes. (DERTOUZOS, 1997, p. 225)

A visão de Dertouzos, em 1997, não era diferente do que se percebe na atualidade, e as ações que são empreendidas no campo da informática permitem que as pessoas tenham excelentes programas de computadores que facilitam suas vidas nos campos do trabalho, dos estudos e, também, em suas vidas pessoais. O projeto enunciado na citação de Michael Dertouzos foi iniciado em 1995, em Bruxelas, na conferência dos países mais ricos do mundo – G7 – com tema sobre “informação e sociedade”. Na época, Dertouzos questionava se o uso de computadores para a comunicação na educação ajudaria os alunos a desenvolverem a capacidade para resolver problemas e raciocínios complexos a partir de ideias simples. Atualmente, percebe-se que os programas e jogos que contemplam os computadores são capazes

de ajudar as pessoas na resolução de problemas de complexidades diversas e eles exigem, cada vez mais, o uso do raciocínio lógico dos seus usuários. Percebe-se, também, que os jovens são adeptos do uso da comunicação *on-line* por meio de aplicativos utilizados em telefones celulares e aparelhos de Ipad e computadores, pois ela os atrai e retém suas atenções. Entretanto, é importante ressaltar que a aula presencial é ainda essencial para o desenvolvimento de um diálogo pedagógico, pois há o contato pessoal, face a face, e isso é insubstituível. Mesmo que o uso da comunicação *on-line* tenha se desenvolvido na atualidade, com universidades que oferecem cursos não presenciais, muitas de formas bem-sucedidas, sempre haverá a necessidade de contato humano e com a presença dos professores, haja vista que a sala de aula presencial é comum e essencial na vida acadêmica.

Algumas instituições de ensino superior e de pós-graduação oferecem programas de formação específica a distância. Há encontros presenciais, mas a maior parte do curso é feita a distância (EAD - Educação a Distância). As novas tecnologias de informática e comunicação *on-line* facilitaram a criação e oferta de cursos a distância. Entretanto, há profissionais envolvidos no planejamento em grande período de tempo que se colocam à disposição dos alunos para que eles esclareçam suas dúvidas. O jornalista Quartim de Moraes, em artigo publicado na Revista Comunicação & Educação, da ECA – USP expressou um importante referencial sobre as transformações tecnológicas que atingem a escola:

Todas essas transformações que atingem a escola e os meios de comunicação são muito recentes. Não dá para se saber ainda nem mesmo quais são as novidades que vieram para ficar, quais as que logo serão descartadas como simples modismo. O importante é que saibamos aproveitar esse embalo das transformações. (MORAES, 2001, p. 41)

As tecnologias da informação desenvolvem-se à medida que há necessidade de mais rapidez na comunicação humana. Do aparelho de fax aos computadores que acessam a rede mundial (WEB) em modo *wi-fi*, passaram-se pouco mais de vinte anos. Os computadores são equipamentos presentes na vida das pessoas e não seria diferente no ambiente acadêmico, que viu essa tecnologia se desenvolver a passos largos e rápidos.

A formação a distância consiste, em parte, como uma prática autônoma de aprendizagem, uma vez que os alunos permanecem em suas residências ou em suas salas no ambiente de trabalho e acabam por acessar de forma isolada as atividades *on-line* oferecidas no curso em que se inscreveram. Nesse aspecto, cabe aqui refletir sobre o acesso às informações que podem ser obtidas no ciberespaço, pois pode ocorrer que nem todos os alunos possam ter acesso à informática em seus lares. Isso já não ocorre em sala de aula presencial, pois a simples presença do aluno lhe permite participar da aula de forma igualitária, ou seja, todos os alunos de uma determinada sala têm acesso ao que os professores lhes ministram na aula.

Segundo Alava (2002), o ciberespaço é uma forma autodidática que permite às pessoas a busca de informações. A seguir, um trecho de sua obra em que há uma reflexão sobre esse tema.

Quando analisamos a emergência das práticas de formação em nossas sociedades, somos forçados a constatar que elas se apoiam quase sempre nas novas mídias (livro – autodidatismo, jornal – co-formação, centro de recursos – educação permanente). Todavia, o aparecimento de dispositivos que utilizam o ciberespaço caracteriza-se pela proposição, ao mesmo tempo, de percursos individualizados (e, portanto, das ferramentas dessa individualização) e pelo recurso a novas formas de mediação dos saberes (diferentes das do professor). Em nossos debates, ficou demonstrado que estamos, hoje, diante da emergência de novas práticas de formação apoiadas no ciberespaço, que concorrem para o desenvolvimento de novas oportunidades de autoformação. (ALAVA, 2002, p. 14-15)

É interessante observar que Séraphin Alava chamou a atenção para o ciberespaço como uma forma de autodidatismo, ou seja, o uso da tecnologia (computador) como meio de pesquisa individual para a obtenção de conhecimentos. Entretanto, esse autor sinaliza o autodidatismo como individualização. Alava destaca ainda que a autoformação é um procedimento voluntário e solitário e remete o indivíduo a se adaptar sobre os desafios sociais dessas novas práticas *ciber* autoformadoras.

Outra reflexão importante, quando se trata de autoformação, é sobre a compreensão global de textos - uma vez que os alunos de cursos a distância, ou quando recebem textos de seus professores por meios de comunicação a distância, pois a compreensão de textos depende de leituras analíticas, em que são essenciais análise textual, temática e interpretativa, com o objetivo de síntese pessoal. Segundo a Professora Ma. Simone Proetti:

Ensinar a ler com compreensão não implica impor uma leitura única, mas sim criar uma atitude de expectativa em relação ao conteúdo do texto: mostrar ao leitor que, durante o processo de leitura, ele precisa ficar atento para perceber se não está perdendo o raciocínio desenvolvido pelo autor. (PROETTI, 2005, p. 27)

Faz-se necessário, então, refletir sobre a autoformação como elemento de co-formação, pois professores e alunos, quando se utilizam dos meios midiáticos *on-line*, mesmo que de forma improvisada, extraoficial, em seus lares, admitem uma reciprocidade que aqui se pode denominar de “*troca*”. Ainda, utilizando os conceitos de Alava para reforçar essa ideia, tem-se a seguinte passagem de sua obra:

Com a evolução dos modos de relação entre professor e aluno, vemos crescer a importância dos colegas como elementos indispensáveis na dinâmica formativa. O “outro” midiaticamente presente, seja de forma sincrônica ou assíncronica, torna-se um elemento motor do dispositivo. (...) Coloca-se, então, a questão das próprias modalidades de troca: parece indispensável não limitar a análise das interações entre colegas apenas às interações de trabalho, mas criar as condições de uma comunicação real que não se restrinja à interação cognitiva. Aqui, impõe-se a reflexão sobre os lugares de vida e de interações dos aprendizes. (...) O ciberespaço é, assim, mais do que um simples dispositivo midiático que oferece aos sujeitos ferramentas de comunicação; ele pode tornar-se um espaço de inovação e de colaboração social. (ALAVA, 2002b, p. 16)

O autor apresenta a ideia do ciberespaço como um espaço de inovação, pois permite aos professores e seus alunos troca de informações e abre foros de debates para que comunicações sejam

realizadas. É uma inovação real, dentro do espaço virtual, pois permite ser utilizada a qualquer dia e hora para pesquisa, debates, esclarecimentos e demais necessidades que sejam apresentadas.

As interações que ocorrem no espaço virtual permitem o protocolo de comunicação entre as pessoas. Nessa interatividade, há o desenvolvimento de atividades sensoriais, afetivas e intelectuais que permitem aos interlocutores a expressão de ideias e comunicações em suas áreas de interesse. Esses aspectos são essenciais quando se pensa em formação aberta, pois o fato de a comunicação ser mediada por computadores, portanto a distância, exige que emissores e receptores sejam mais criteriosos, claros e objetivos em suas comunicações.

88

É interessante perceber nas instituições de ensino o quanto os alunos se movimentam para formarem grupos de debates no ambiente virtual e convidam os seus professores para participarem. Normalmente, percebe-se que há iniciativas de alguns alunos para fundarem grupos de debate e elaborarem, inclusive, *sites* de apoio ao estudo. Nessa forma de trabalho virtual, como, por exemplo, em um grupo virtual, os alunos disponibilizaram um espaço para cada professor de seu curso. Esse professor poderia “alimentar” seu espaço com informações e demais comunicações acadêmicas, ou seja, enviar arquivos de textos e demais materiais como apoio didático, bem como, também, podem inserir dicas bibliográficas e obras adotadas pelos professores em suas disciplinas.

É exatamente esse fato que chamou a atenção para este estudo. Não se pode desprezar a importância desse fenômeno, pois ele é uma realidade presenciada e vivida pelos seus atores sociais, que são os professores e, principalmente, os alunos dos cursos superiores. Quando há um *site* oficial de determinada universidade ao qual os alunos e professores têm acesso individual com a segurança de suas senhas particulares, trata-se, exatamente, de um processo formal que eles podem usufruir para complementação e auxílio sobre assuntos didáticos, pedagógicos e acadêmicos de forma geral. Nesses *sites*, geralmente, encontram-se informações organizadas em “*links*”, que retratam as normas, as informações acadêmicas, jornal *on-line*, divulgações e informes científicos, entre outras comunicações. O interessante de se observar e analisar é que o surgimento de *sites* e o uso da comunicação *on-line* mediada pela interface tecnológica, de modo não formal, traduzem a necessidade da obtenção de informações mais rápidas e um espaço virtual que aproxima os professores e seus alunos e os próprios alunos entre si, além de, também, facilitar a comunicação entre o corpo docente.

2. A INTERATIVIDADE COMO UMA LÓGICA UNIFICADORA NO ESPAÇO VIRTUAL (CIBERESPAÇO) EM DECORRÊNCIA DA DESTERRITORIALIZAÇÃO

O ciberespaço permite uma participação emotiva e expressiva entre seus atores, pois possibilita que eles entrem em contato *on-line* a qualquer hora do dia. Nesse contexto, segundo Séraphin Alava (2002), pode-se entender esse meio de comunicação como “uma mídia global, homogênea do ponto de vista de suas características técnicas, sociorrelacionais, comunicacionais e cognitivas, de suas funções e

de suas práticas pedagógicas.” O ciberespaço representa uma lógica unificadora no espaço virtual, pois há a possibilidade de livre expressão e a facilidade para a troca de informações e comunicações de modo geral. Isso permite a criação de um mecanismo de identificação de ideias, de participação interativa com objetivos diversos como, por exemplo, criar salas de bate papo informais, grupos de estudo e comunidades virtuais como os grupos de pessoas que têm interesses em assuntos que podem ser profissionais, acadêmicos ou culturais. A interatividade no ambiente virtual permite que ocorram milhões de ambientes virtuais em operação em tempo real. Alava define interatividade adotando o ponto de vista de que, de forma geral, ela pressupõe participação ativa daquele que vai ser beneficiado pela informação. O autor define os processos de comunicação homem/máquina como *interatividade funcional*.

Sistemas comunicacionais operam simultaneamente como, por exemplo, as redes de computadores interligados *on-line*, os *sites* de pesquisa, relacionamento e busca, como o Google®. Assim, a interatividade consiste, então, na possibilidade de comunicação virtual a distância, pela intervenção tecnológica com auxílio da informática que auxilia e permite a consulta de dados, simulação de experiências com imagens gráficas, comunicação a distância entre outras finalidades.

A interatividade do ciberespaço possibilita a aproximação das pessoas de maneira *on-line*, e elas podem personalizar suas mensagens e ter reciprocidade de comunicação de maneira rápida.

Um exemplo dessa interatividade pode ser observado no *site* da cidade de Aveiro, em Portugal, que permite entender por que ela é considerada uma cidade digital. Nesse portal, podem ser observadas suas autarquias, a universidade e a comunidade educacional, os serviços de saúde, a solidariedade social, informações sobre cultura, turismo e lazer. Essa iniciativa permite aos cidadãos de Aveiro concretizarem a *Sociedade da Informação em Portugal*. Se há esse sistema complexo em funcionamento, provavelmente há uma adesão em massa. É interessante, então, denominar essa troca de comunicações de *tele presença*, pois é por meio da comunicação mediada por computadores que as pessoas podem participar, no ambiente virtual, de debates e comunicações diversas com objetivos particulares e essenciais que lhes permitem trabalhar, estudar, pesquisar ou, simplesmente, trocar ideias. Alava (2002) afirma que o ambiente de comunicação a distância é um dispositivo virtual de informação e comunicação no ciberespaço e funciona como uma área desterritorializada.

Outra visão sobre a desterritorialização importante é a do sociólogo e professor Octavio Ianni, que identificava nela o significado de dissolver ou deslocar o espaço e o tempo. Ele acreditava e difundia que a globalização econômica fez surgir o “cidadão do mundo”, sem fronteiras e com princípios de liberdade e igualdade social. A citação a seguir demonstra essa ideia:

Na sociedade global, ao contrário do que se verifica na sociedade nacional, a *desterritorialização* é um processo cada vez mais intenso e generalizado. Há coisas, pessoas e idéias desterritorializando-se todo o tempo. As relações, os processos e as estruturas de dominação e apropriação, antagonismo e integração, parecem desenraizar-se. Há fatos sociais, econômicos, políticos e culturais ocorrendo perto e longe, não se sabe onde. Manifestam-se em diferentes lugares, situações, significados, de tal maneira que

produzem a impressão de que vagam por distintas regiões, nações, continentes. Um processo que está evidente no vasto espaço do mercado, na ampla circulação de idéias, na intensa movimentação das pessoas. (IANNI, 2005, p. 100)

O Professor Octavio Ianni deixou claro em sua obra que o mundo vem se tornando, aos poucos, grande e pequeno, homogêneo e plural, articulado e multiplicador. Os pontos de referência estão se dispersando dando a impressão de dissolvência de fronteiras devido ao jogo das forças econômicas, políticas e sociais que operam em escala mundial. O texto ainda remete à reflexão de que o Estado-Nação está em declínio, pois as perspectivas, os dilemas sociais, políticos, econômicos e culturais estão se globalizando.

90

Segundo Ianni, a desterritorialização se manifesta na economia, política e cultura de todos os níveis da vida social, atingindo raízes, dissolvendo fronteiras, centros decisórios e pontos de referência. Tudo se movimenta na esfera das relações, dos processos e nas estruturas globais em direções conhecidas e desconhecidas, conexas e contraditórias. Na sociedade global, a desterritorialização se dá como um processo cada vez mais intenso e generalizado e se apresenta como um novo horizonte com influências de modo universal das presenças da filosofia científica e artística para a metamorfose da história. O Professor Octavio Ianni acreditava, e documentou em “*A sociedade global*”, que as pessoas podem ser vistas como cidadãs do mundo, em decorrência da desterritorialização, e a cidadania delas está sendo esboçada, pensada e imaginada em princípios de liberdade e igualdade em escala mundial. Segundo IANNI, a discussão da cidadania mundial ou global não se prende apenas aos aspectos políticos ou jurídicos, abrange também os sociais, econômicos e culturais. Entretanto, não se deve esquecer que o processo de transformação do cidadão nacional em cidadão do mundo é intrinsecamente evidencializado pelos meios de comunicação social, pois eles permitem que as ideologias de sociedades emergentes e o processo democrático global caminhem compreendendo todos os níveis da vida social na esfera pública e global. Após a análise do texto do Professor Ianni, é possível acreditar que o processo de socialização global acarretará mudanças nas relações e movimentações que oportunizarão novas estruturas e novas organizações com perspectivas do indivíduo (cidadão mundial) perante sua língua, dialeto, religião, seitas, história, tradições, heróis, monumentos, ruínas, hinos, bandeiras e outros elementos culturais que apregoarão valores intrínsecos e ideais para facilitar e possibilitar a movimentação e circulação mundial.

Para fundamentar essa nova sociedade global, alguns elementos serão adotados como os idiomas inglês e espanhol, a música pop como cultura internacional-popular, o turismo livre de todos os lados, as mercadorias dos países, a migração de pessoas por diferentes nações e mercados, a flutuação de ideias por todos os ares, o esporte, o cinema e muitos outros elementos, entre eles a moeda, que permitirão a constituição de um novo cidadão, e a comunicação, certamente, é a solidificação de todo esse processo de transformação social.

Outra visão que complementa esse assunto é o trabalho do Professor Michel Maffesoli⁶⁵ em “*Les temps des tribus: le déclin de L’individualisme dans les sociétés postmodernes*”, que denominou as formas de associação de pessoas na sociedade pós-moderna como *tribos urbanas* e *neotribalismo*. Segundo Maffesoli, as pessoas reúnem-se em microgrupos para contestar o próprio individualismo, e esses grupos são idealizadores das relações sociais baseadas no individualismo, marcados pela aparência física, determinantes pela unissexualização, pelo uso do corpo e do vestuário como valores comuns. Isso faz entender o uso de tribos urbanas como uma forma de organização social que transcende as particularidades das pessoas e formaria as regras particulares do grupo.

Em outra obra, intitulada *A contemplação do mundo*, Michel Maffesoli interessa-se em compreender os estilos de vida das sociedades contemporâneas e posiciona-se, em complemento à ideia das tribos urbanas, apresentando uma imagem do renascimento de um ideal comunitário, de forma tribal, em que manifesta a importância da imagem como papel relevante na sociedade moderna e reflete sobre os fenômenos sociais de comportamento grupal escondidos nas aparências. Para ilustrar e explicar melhor essa ideia tem-se a seguinte passagem de sua obra:

De minha parte, ao contrário daqueles que continuam analisando nossas sociedades em termos de individualismo e de desencantamento, já mostrei que o que parece estar na ordem do dia remete antes a uma espécie de tribalismo, que tem por vertente um verdadeiro reencantamento do mundo. A partir do que é visível, imanente, há algo que leva ao invisível. Ao transcendente. Acontece que nas sociedades pós-modernas, essa força de união, esse “maná” é cotidiano, é vivido aqui e agora, e encontra sua expressão em uma *transcendência imanente* de coloração fortemente hedonista. Assim, o que prevalece não é mais o indivíduo, isolado na fortaleza de sua razão, mas o conjunto tribal, que se comunica ao redor de um conjunto de imagens que consome com voracidade. (MAFFESOLI, 1995, p. 145)

É interessante a ideia contida na citação acima de Maffesoli, pois leva a refletir que a vida social cria pessoas coletivas, dependentes das mesmas ideologias, que ampliam seus individualismos em relação ao individualismo dos outros, que leva as pessoas a criarem um ambiente de sentimentalismo emocional no contexto social. Isso acarreta, então, um ambiente com expressões crescentes em uma sociedade que se constrói em uma imagem coletiva. Dessa forma, pode-se pensar na comunicação *on-line*, então, como possibilidade de amplitude que permite a formação de novos grupos tribais no ambiente do ciberespaço.

Assim, tratar o ciberespaço como área desterritorializada tem lógica, pois não há território físico que se possa dimensionar e delimitar, e esse espaço é concebível em tecnologia da informação. Nesse espaço, o receptor pode ser, também, o emissor e vice-versa, pois nesse tipo de comunicação não presencial há, na troca de informações, essa possibilidade de enviar e receber mensagens, responder e perguntar de forma simultânea e interagir a qualquer hora do dia.

⁶⁵ MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

Nesse tipo de ambiente de comunicação, há o uso da comunicação em rede, que interliga as interfaces dos emissores e receptores. Nele, pode-se utilizar a comunicação de forma global para organização do trabalho, educação, mesmo que a distância, de modo não formal e formal, ou seja, de maneira estabelecida pelas instituições envolvidas ou de forma livre entre os atores envolvidos no processo comunicacional.

Nessa lógica comunicacional *on-line*, a atividade formal ou não formal promovida pelas pessoas permite que ocorram transformações evolutivas em todos os campos do conhecimento humano. A pesquisa pela Internet nos milhares de *sites* existentes e a troca de informações entre instituições de pesquisa permitiu, rapidamente, o avanço em todas as áreas do conhecimento e beneficiou a raça humana. Professores e alunos são os principais usuários e atores desse mundo intelectual, e as comunidades científicas se solidificaram e podem, com isso, documentar suas experiências e administrar dados confiáveis e renováveis que são, exatamente, os frutos das pesquisas e levantamentos científicos. A pesquisa para simples estudo universitário ou para a descoberta de novos conhecimentos úteis ficou mais rápida e eficiente, pois a troca de informações entre esses atores do meio acadêmico ficou mais fácil e rápida. É impressionante observar o uso frequente da comunicação *on-line* no meio universitário.

O trabalho colaborativo a distância, com o uso das tecnologias de informação, entre grupos de trabalho (*groupwares*) implementa uma nova forma de estudo que anteriormente era feita presencialmente. Essa forma de trabalho permite que as tarefas do grupo, em um trabalho acadêmico, tenham continuidade, e a discussão de melhorias do trabalho não depende de reunião presencial do grupo. Entretanto, isso não quer dizer que a forma presencial será banida do meio acadêmico. O que se percebe é um novo modelo de estudo, de complemento pedagógico, entre alunos e entre professores, que permite a troca de ideias e atividades mesmo que a distância, ou seja, quando o grupo não está reunido presencialmente. Isto quer dizer que os trabalhos e atividades não precisam ser interrompidos. Os alunos podem enviar parte do desenvolvimento do trabalho ao professor solicitante (caso ele assim o permita), que poderá orientar para a construção mais correta e eficaz do tema a ser pesquisado e desenvolvido. Essa atitude independe da institucionalização desse tipo de ação, pois ela pode ser desenvolvida pela vontade própria dos professores e alunos.

Dessa forma, pode-se pensar numa forma democrática de trabalho acadêmico, pois os limites das paredes das salas de aula foram vencidos, e os alunos poderão, com o consentimento e comum acordo dos professores, interagir com seus mestres e dar continuidade aos raciocínios iniciados em sala de aula e sanar, inclusive, suas dúvidas. Isso é, inegavelmente, uma forma democrática, porém um tanto quanto invasiva no que se refere à privacidade dos seus atores sociais, pois não há limites para o envio de mensagens. É importante que alunos e professores combinem regras para se comunicarem por e-mail para que não haja invasão virtual do domicílio do professor, pois o lar deles costuma ser parte dos bastidores onde preparam suas aulas e realizam seus estudos.

No ponto de vista desenvolvido até aqui, pôde-se perceber que as relações sociais, no que tange ao meio acadêmico, estão sofrendo alterações significativas. Mesmo sabendo que pode não haver acesso de alguns universitários à forma de comunicação *on-line*, eles, provavelmente, têm acesso restrito, ou seja, de forma controlada pelos seus superiores, à Internet nos seus ambientes de trabalho. Essa é uma realidade que diariamente é tratada nos cursos superiores, principalmente na área de Comunicação Social. O professor Dr. Jacques Vigneron apregoa sua preocupação sobre os projetos educacionais em relação à tecnologia da seguinte forma:

Hoje, precisamos com urgência repensar os projetos educacionais integrando a perspectiva complexa da distância. Nesta nova situação, a tecnologia é o meio. A grande perspectiva é chegar a um projeto em que cada um possa organizar sua formação em função do seu projeto de vida e das suas necessidades. Produzir sua formação implica desejo, vontade, capacidade. A educação necessita de uma abordagem plural, pluridimensional e plurirreferencial. (OLIVEIRA; VIGNERON, 2005, p. 61)

A preocupação de Vigneron é providencial e retrata uma nova realidade da atualidade universitária, pois é mister verificar a interatividade promovida pelos grupos sociais que frequentam o ambiente universitário. Há realmente, na atualidade, um estilo de vida bem diferente daquele que havia nas décadas de 70, 80 e início de 90. A interatividade que ocorre nas empresas, de forma funcional, contribui para gerar a interatividade no meio acadêmico e vice-versa, pois as pessoas estão se habituando ao uso do computador para, inclusive, marcar seus compromissos, realizar compras e procurar informações, sejam elas para uso profissional, pessoal ou acadêmico.

O uso da comunicação a distância intermediada pelo computador não está somente causando uma transformação no meio acadêmico, mas está sendo adotada como metodologia de ensino e pesquisa. Outro aspecto interessante é observar que há a possibilidade de movimentação dos alunos, no que se refere à criação de grupos no ambiente do ciberespaço, para a troca de informações acadêmicas que, inclusive, permitem ajudar àqueles alunos que costumam faltar a algumas aulas. Eles, nesse caso, podem trocar informações sobre a aula da noite anterior e informarem-se também sobre trabalhos e exercícios solicitados pelos professores. Assim, os alunos poderão utilizar-se da comunicação por e-mail para trocarem textos que construíram como parte do desenvolvimento de seus trabalhos acadêmicos. É essencial lembrar que isso pode ocorrer de forma natural e não formal, sem interveniência da instituição de ensino. Retratar e refletir essa realidade é de fundamental importância, pois o meio acadêmico, de modo não formal, anuncia uma mudança causada pelos novos meios de comunicação a distância. Essa nova realidade dá início a uma nova fase na vida dos professores, que devem se atualizar nesse sentido, e na vida dos alunos.

3. A (NOVA) AÇÃO DOCENTE MEDIADA POR TECNOLOGIA DIGITAL A DISTÂNCIA: O PROFESSOR *ON-LINE*

O trabalho docente, na atualidade, é mais exigente e rigoroso, até pela concorrência entre as instituições privadas de ensino superior que apresentam uma competitividade aparente em busca de alunos para preencherem suas salas de aula. Dessa forma, os professores precisam de atualização constante na busca de complementação e atualização de seus conhecimentos.

Essa nova realidade trouxe um novo tipo de aluno, que procura uma formação profissional e quer desenvolver o seu raciocínio lógico e crítico e também precisa de formação rápida e de conhecimentos atualizados para se manter no mercado de trabalho ou, até, para conseguir um emprego melhor. Esses alunos são adeptos das novas tecnologias e mudaram a visão do professor em sala de aula: é interessante observar alunos fotografando a lousa, com seus aparelhos de telefones celulares, ou as projeções dos slides em Power Point, enquanto o professor ministra sua aula. Até então, nos anos 90, a formação superior era mais restrita a pessoas, principalmente nas instituições privadas, com maior poder aquisitivo. O crescimento do mercado universitário no Brasil também é regido pela lei de mercado, ou seja, pela oferta e pela procura, em que a oferta de cursos é maior do que a procura por eles e isso é observado por todos os profissionais da área, docentes ou não, nesse segmento e parece que uma “*guerra universitária*” foi instalada, pois as instituições estão nos meios de comunicação veiculando suas propagandas.

Na atualidade, o perfil dos alunos, que se pode observar em sala de aula, deixa claro que é o de pessoas com dificuldades de compreensão de textos, provavelmente por não terem hábito de leitura, entretanto demonstram interesse e necessidade de obter conhecimentos de forma prática, rápida e acessível e um grande desafio dos docentes é justamente incentivar a leitura aos seus alunos.

Mas o que se pretende apresentar aqui é a direção que está tomando a ação docente no nível superior. Primeiramente, deve-se observar que os departamentos de recursos audiovisuais estão sendo solicitados diariamente pelos professores que necessitam de equipamento de multimídia (Datashow), projetores de imagens de forma geral, para que possam ilustrar melhor suas aulas, objetivando o incentivo ao entendimento do que pretendem ensinar aos seus alunos e despertar neles a consciência da importância da pesquisa e da construção do saber para a formação superior. Na atualidade, as tecnologias estão cada vez mais presentes na vida das pessoas e não há como, e nem se deve, evitar esse processo de desenvolvimento tecnológico, pois os recursos audiovisuais possibilitam uma ação docente mais adequada pelo objetivo intrínseco que é o de ensinar, desenvolver e possibilitar a busca pelo saber. O professor, que ainda é o centro de atenção, deve decidir se suas aulas serão expositivas ou se ele vai utilizar metodologias ativas, que exigem do docente a utilização de tecnologias, às vezes, virtuais ou com jogos pedagógicos interativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de tecnologias não surpreende mais os olhos ansiosos dos alunos, pois eles vêm se habituando a decifrar imagens de realidades virtuais, pois são expostos a elas em diversos momentos de suas vidas, tanto em seu trabalho quanto na universidade. O uso da tecnologia permite a exposição dos assuntos abordados em aulas de forma mais dinâmica, o que contribui para tornar a aula mais agradável e produtiva. Quando há necessidade de exposição de imagens, fotos, gráficos e pequenos textos, o uso de um projetor multimídia, por exemplo, resulta em uma aula de mais qualidade. Também é interessante ressaltar que, por se tratar de uma linguagem comum, o uso da informática como meio de comunicação faz com que os alunos se familiarizem rapidamente com os assuntos abordados em aula e sintam-se mais à vontade; afinal, eles convivem com computadores no seu ambiente de trabalho e, também, nos seus momentos de lazer. Dessa forma, há uma identificação com a tecnologia que torna possível a interatividade de grupo.

A ação docente ficou mais dinâmica e os professores têm mais contatos com seus alunos, que lhes permitem ir além das aulas, ou seja, o contato pedagógico entre professores e alunos não está mais, e somente, restrito às salas de aulas presenciais. O diálogo entre docentes e discentes está cada vez mais possível e extensivo. Inclusive, os professores que são adeptos das redes sociais como, por exemplo, o *Facebook*, observam que os alunos os interpelam nessas redes, não só para contatos sociais, mas, também, o fazem com abordagens acadêmicas, como é o caso deste autor. É um novo modelo acadêmico informal, é o novo e complexo mundo das comunicações. Algumas universidades oferecem cursos superiores semipresenciais, e parte das disciplinas é oferecida de modo *on-line*. Assim, constrói-se um novo ambiente acadêmico com interatividade interpessoal, tanto nas aulas presenciais quanto a distância. São novos tempos e novas pedagogias.

REFERÊNCIAS

- ALAVA, Serafin & Colaboradores. *Ciberespaço e formação aberta*. Rumo a novas práticas educacionais? Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Tradução Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DERTOUZOS, Michael L. *O que será: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas*. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 12.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Tradução Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

MORAES, A. P. Quartim de. Multiculturalismo e identidade: o papel dos meios de comunicação e da escola. *Revista Comunicação & Educação – Eca – USP*. São Paulo, n. 21, ano VII, p.37-42, maio a ago. 2001.

OLIVEIRA, Vera Barros de; VIGNERON, Jacques Marie Joseph. *Sala de aulas e tecnologias*. (Org.) São Bernardo do Campo: Umesp, 2005.

PROETTI, Sidney. *Metodologia do trabalho científico: abordagens para a construção de trabalhos acadêmicos*. 5. ed. São Paulo: Edicon. 2006.

PROGRAMA Aveiro digital. Disponível em: <http://www.aveiro-digital.pt/>. Acesso em: 18/10/2019.

PROETTI, Simone Ziantonio. *O aluno universitário e a compreensão global de textos*. São Paulo: Edicon, 2005.

VIGNERON, Jacques Marie Joseph. *Comunicação interpessoal e formação permanente*. São Paulo: Angellara Editora, 1996.

VIGNERON, Jacques Marie Joseph. O teletrabalho na sociedade tecnológica. *Comunicação e sociedade*. São Bernardo do Campo. SP., n. 30, p. 237-254, 1998.